

Meu lugar

Uma coreógrafa francesa conta sua trajetória
entre culturas, danças contemporâneas e
tradições afro-brasileiras



Foto © Bénédicte Bos

Palestra performada da Fanny Vignals

--

Solo, palestra performada de uma coreografa, bailarina, artista-pesquisadora e pedagoga

Público: todos a partir de 8 anos

Duração estimada: 60min (45min se publico principalmente jovem) + 20 min de trocas com o público

Espaços: palcos, auditórios, salas de dança e outros espaços com possibilidade de projeção de imagens e sons

Idioma: português brasileiro

Em turnê: uma artista

Direção artística, concepção, coreografias, adaptação de danças e músicas patrimoniais, textos e interpretação :

FANNY VIGNALS, Fr

Diretor técnico :

ELINHO ROSA, Br

Consultoria dramaturgica :

MARIE DOIRET, Fr

Olhares de fora no Brasil :

em processo, Bahia-Br

Revisão de texto em português e consultoria para questões contra e decoloniais :

- MARIA ACSELRAD
- GRUPO PISADA /Pesquisa Interdisciplinar em Dança e Antropologia (UFPE, Br)

Consultoria dramaturgica e estratégica :

MAXIME FLEURIOT, Fr

A performance inclui elementos das culturas populares e rituais afro-brasileiros.

Produção : companhia Ona Tourna - Gennevilliers, Hauts-de-Seine, Fr

Patrocínios : Consulado Geral da França em Recife/Embaixada da França no Brasil

Apoios : ICBA Goethe Instituto e Teatro Vila Velha - Salvador de Bahia, Br

APRESENTAÇÃO

*"De onde vem meu corpo?
Quais são as culturas que o constituem?
Entre dois continentes, entre artes, entre
espaços sagrados e seculares, entre danças que
me habitam, que lugar é esse de onde falo, esse
lugar de onde danço?" »*

Descendente de famílias de camponeses da Occitânia, região do sudoeste da França, Fanny Vignals é coreógrafa contemporânea e pesquisadora em danças afro-brasileiras. Mais de vinte anos depois de ter pisado pela primeira vez no Brasil, essa alteridade se tornou parte dela. Enquanto mulher branca e bailarina de alto nível que passou por treinamentos e experiências de vida traumáticas, encontrou nesta cultura multifacetada, uma cultura adotiva, que hoje integra de forma central suas inquietações e buscas por reparação.

Seus encontros com as tradições populares desse país, e depois com a espiritualidade e a profundidade das danças do candomblé transformaram e politizaram sua carreira. Essa cultura, com sua ancoragem á terra, sua ligação orgânica com a música, seu senso de comunidade, de celebração, de festa, de alguma forma a reconecta com as próprias culturas occitanas consideradas "atrasadas" e "feias" na época da juventude de sua mãe. O fato é que em ambos os lados do oceano, essas práticas oriundas de tradições populares não institucionalizadas ainda não são suficientemente conhecidas, além de serem muito frequentemente desprezadas pela ortodoxia cultural.

Através desta criação, e do caminho desta artista-pesquisadora-transmissora, vem também a questão da identidade plural, compósita, conquistada, reconstruída, redimensionada. Transitando entre múltiplas heranças, a dança da Fanny atravessa saberes culturais, por vezes tensionando questões estéticas e premissas religiosas.

NOTA DE INTENÇÃO

"Durante meu curto tempo de estudo de sociologia fiquei fascinada pelo poder das histórias contadas pelas pessoas que entrevistava para minhas investigações. O indivíduo e sua intimidade esclareciam e humanizavam a sociedade. Redescobri a força dessa "escala" durante minha pesquisa sobre as danças do orixá Exu, figura central nas filosofias das encruzilhadas, às vezes chamado de "o infinito + 1".

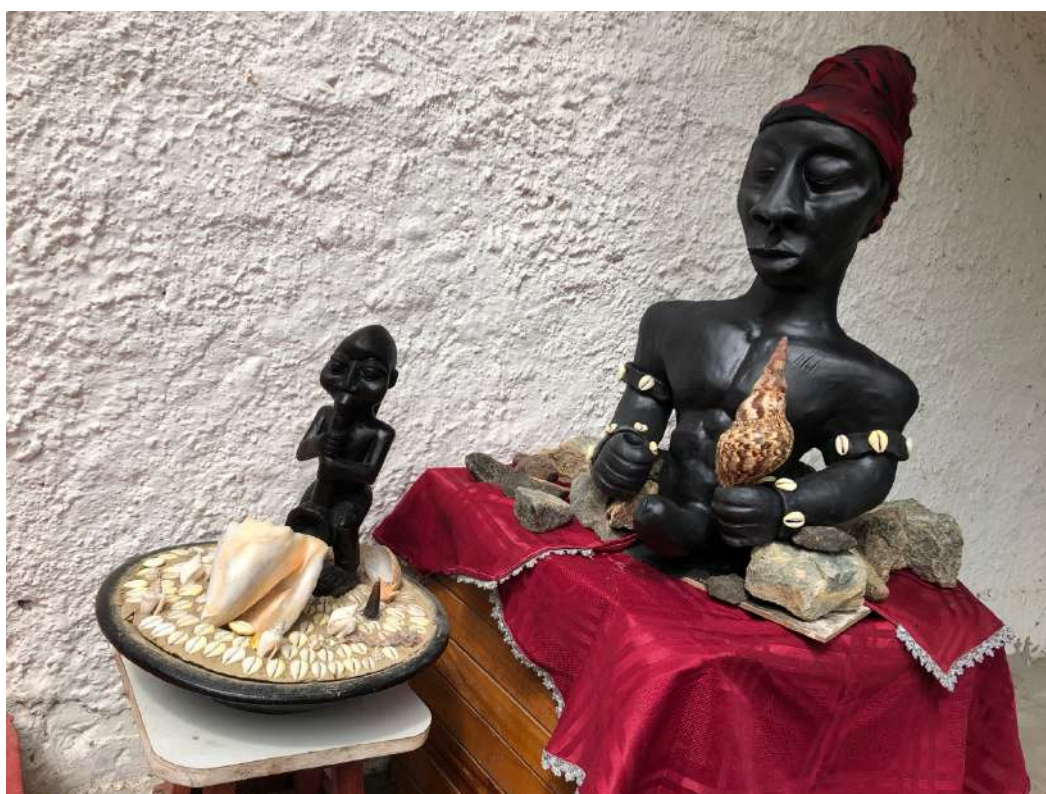
Desde 2000, tenho dedicado grande parte de meu trabalho à criação de um diálogo entre a dança contemporânea de tradição ocidental e as danças afro-brasileiras. Apresento regularmente minhas criações e pesquisas na França, onde quero testemunhar de uma possível ligação com outras formas de ser no mundo, e na dança. Quando apresento meu trabalho no Brasil, uma grande parte do público costuma comentar que experimentou uma verdadeira mudança de perspectiva e que as trocas são sempre muito ricas : revelam pontos em comum e diferenças, zonas de surpresa e atrito, geram novas perguntas e reflexões. Ideias inesperadas aparecem também, sobre o lugar político que um trabalho como o meu poderia ocupar no Brasil por exemplo. "Por que o Brasil? Por que as danças do candomblé?" são as perguntas que mais me fazem, seja na França, no Brasil e em outros lugares.

« Meu lugar » dá continuidade à pesquisa sobre o corpo como lugar de multiplicidade que realizei para criar o duo "Infinun·e" em 2021, peça inspirada pelo orixá Exu. Quero me desdobrar e revelar, enquanto corpo oriundo de matri-patrimônios incorporados ou faltando, transformados e às vezes desaprendidos, um corpo oriundo de caminhos artísticos, técnicos, sociais e culturais diversos embora esses caminhos também tenham sido percorridos de forma acidental, imprevista, fluida ou não. Um corpo enriquecido pelos encontros, um corpo-homenagem às comunidades, às mestras e mestres e aos seus ancestrais. Essa forma bruta é um lugar onde eu deposito uma história, gestos e coreografias, músicas, imagens e texto, intimidade e alteridade.

As culturas afro-brasileiras estão lutando ainda hoje contra a intolerância e o fundamentalismo religioso, contra o preconceito e o racismo. Com este trabalho quero compartilhar o testemunho da minha trajetória para que, em alguma medida, e se isso for possível, eu possa me somar a essa luta, com minhas próprias armas.»

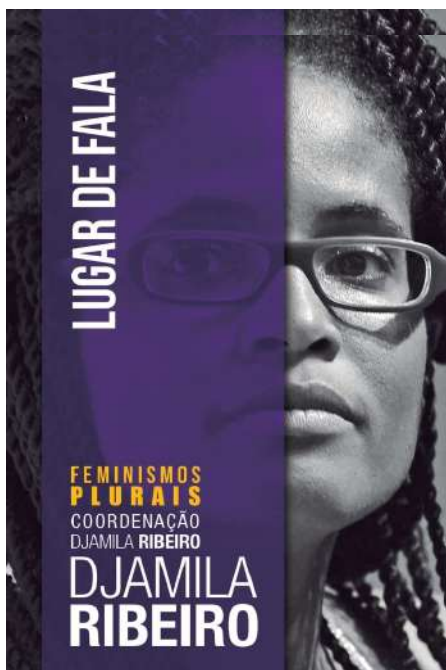
Fanny Vignals

Representação do orixá Exu, divindade afro-brasileira da comunicação, da sexualidade e da circulação. O « infinito + 1 ».



Obra de João Lázaro, Casa do Mensageiro, Camaçari, Bahia, Brasil março de 2020.
Foto © Fanny Vignals, *La Bouche du Monde*

DE ONDE ESTOU FALANDO ? DE ONDE ESTOU DANÇANDO ?



O conceito de *lugar de fala* no Brasil

O conceito de "lugar de fala" tem várias origens: Pierre Bourdieu, Michel Foucault, Judith Butler e Eni Orlandi falam sobre as relações de poder presentes em diferentes tipos de discursos em função de seus enunciadores e da posição ocupada quando o discurso é enunciado. O termo foi popularizado no Brasil pela filósofa Djamila Ribeiro, que questiona quem tem o direito de falar em uma sociedade em que a masculinidade, a branquitude e a heterossexualidade são a norma. Essa noção destaca a multiplicidade de vozes e refuta a neutralidade do conhecimento. Ela acredita que pensar sobre o lugar da voz do enunciador é fundamental para refletir sobre hierarquias e opressões e romper com a história única.

Lugar de fala e legitimidade

Desde a criação do solo *Atravessando...* em 2012 a abordagem artística da Fanny Vignals é acompanhada de um questionamento constante acerca de seu lugar como artista europeia que escolheu completar sua formação, enriquecer sua arte e sua trajetória artística e de vida com as culturas negras brasileiras. Com a companhia Ona Tourna trabalha diariamente para que os gestos oriundos destas culturas sejam realizados em consonância com sua fonte, seu significado e seu contexto, inclusive no que diz respeito ao como foram transmitidos a ela.

Compartilhamos essas reflexões fundamentais sobre o trabalho com nossos colaboradores e parceiros, uma vez que envolvem questões decoloniais, sobre as quais temos nos aprofundado e discutido com pesquisadores de diversas áreas e com os próprios agentes das culturas afro-brasileiras. *Meu lugar* se propõe de forma sensível e crítica ser um objeto artístico de reflexão e de intercâmbio em torno dessas questões tão importantes e urgentes.

2023 : PREMISSAS

No início de 2023, dentro do contexto da etapa brasileira do projeto *R-Encontros*, ponte através da dança entre crianças brasileiras e francesas¹, Fanny Vignals criou *Caminhos-chemins*, primeira palestra sobre sua trajetória no **Goethe Instituto em Salvador da Bahia**, apresentada no **Espaço Cultural da Fundação Pierre Verger**, Engenho Velho de Brotas, depois nas comunidades periféricas mais afastadas de Cajazeiras, Valéria e Coutos (Espaços Culturais Boca de Brasa administrado pela Prefeitura de Salvador/Fundação Gregório de Mattos) e por fim no **Teatro Molière** em parceria com a **Aliança Francesa de Salvador**, no centro da cidade. A palestra também foi apresentada em Recife, no Centro de Artes e Comunicação da **UFPE**, em parceria com o Curso de Dança e o grupo **PISADA, Pesquisas Interdisciplinares em Dança e Antropologia**.

Essa primeira narração foi direcionada às crianças, jovens e adultos de comunidades urbanas periféricas, mas também aos profissionais de prevenção à violência, da área cultural, artistas, adeptos do candomblé, estudantes e pesquisadores em dança, antropologia, sociologia entre outras áreas, gerando ricas discussões que se seguiram a cada apresentação.

Em setembro e outubro de 2024, graças ao apoio renovado da Embaixada da França no Brasil, uma segunda forma de palestra autobiográfica, *Meu lugar* (com um viés mais político) será criada. Será apresentada no **Goethe Instituto de Salvador da Bahia**, no **Festival CumpliCidades em Recife** e no **Festival Par em Par da Bienal Internacional de Dança do Ceará**.



Apresentação da palestra *Caminhos-chemins* no dia 9 de março de 2023 no Teatro Molière, Aliança Francesa de Salvador da Bahia. Artista convidado : Negrizu Santos. Fotos ©Maxime Fleuriot e ©Cristina Castro. Fotos projetadas no palco : à direita, Rosangela Silvestre ©Rosangela Silvestre ; à esquerda, Dona Egbomi Cici e uma fotografia de Pierre Fatumbi Verger ©Fondation Pierre Verger.

¹ dispositivo de ação de Educação Artística e Cultural internacional, o *R-Encontros* é uma ponte através da dança entre crianças brasileiras e francesas, incluindo um campo exploratório sobre a prevenção as violações de direitos das crianças. Para mais informações: <https://www.cieonatourna.com/actions-artistiques/rencontres>

UM PROCESSO CRIATIVO ATÉ 2025

A relação e a transmissão sendo essenciais no meu trabalho artístico, a forma da palestra dançada e performada me veio sempre muito naturalmente. Percebi a pouco tempo que podia também de forma mais direta constituir um terreno privilegiado para pensar uma peça.

Prolongo em 2024 as experiências e trocas de 2023 na perspectiva de criar uma peça em 2025 que seja composta não só do meu trabalho e do trabalho da equipe me acompanhando, mas também das reações e provocações nascidas destes encontros.

As palestras performadas *Caminhos·chemins* e *Meu lugar* carregam e alimentam um processo criativo de longo prazo e é também este aspeto que quero compartilhar com as plateias do Brasil.

O espetáculo que será criado em 2025, cruzamento entre encenação, coreografia, música, imagens e texto e poesia do corpo e do movimento.

POTENCIAL EDUCATIVO E DEMOCRATIZAÇÃO DO ACESSO

Meu Lugar evocará uma **ampla gama de danças**, « o que elas me fizeram ou estão me fazendo, como elas me tocaram, me emocionaram, me transportaram....", diz a coreógrafa.

A noção de celebração e de **feira**, e a **transdisciplinaridade** inerente às culturas de tradição oral, parecem-nos facilitar o acesso do público que não é necessariamente próximo do universo da arte ou acostumado a assistir à espetáculos.

A peça cruzará uma **variedade de mídias**: dança, contação de histórias, dançadas-faladas ou "musicalizadas", leituras na tela, leituras pela artista, narrações em off, fotos e vídeos projetados ou ainda arquivos de entrevistas. Esse jogo de interação de diferentes modos de transmissão também é uma ponte para um público que não está familiarizado com a cultura da performance ao vivo.

Falarei sobre **aquela-es que me iniciaram** às **artes reconhecidas pela instituição**, mas também sobre aquela-es que abriram portas para **práticas das margens**, como as artes de rua, a música popular, o baile ou culturas underground. Esperamos que todos esses elementos permitam uma recepção sensível e que venha sensibilizar as pessoas para questões sobre a alteridade, encontros e da humanidade.

CALENDÁRIO

Fevereiro-março de 2024, Paris, Fr

Pesquisa dramaturgica "à mesa" (Fanny Vignals, Marie Doiret e Maxime Fleuriot).

Junho de 2024, Lot, Occitanie, Fr

Trabalho sobre o texto, a trilha sonora e a coreografia.

21 de julho de 2024, Simorre, Gers, Fr

Apresentação de uma performance-etapa de pesquisa, no Festival *Le Bouche à Oreille*.

Do 9 até o 24 de setembro 2024, ICBA Goethe Instituto, Salvador de Bahia, Br

em parceria com o Teatro Vila Velha

Residência de escrita e finalização técnica, de encontros e colaborações com profissionais locais.

25 de setembro 2024, ICBA Goethe Instituto - Salvador de Bahia, Br

Apresentação. *Em parceria com o Teatro Vila Velha*

27 de setembro de 2024, Festival Cumplicidade - Recife, Pernambuco, Br

Apresentação. *Em parceria com a Aliança Francesa de Recife*

25 de outubro de 2024, Bienal de Dança do Ceará /Festival Par em Par - Fortaleza, Br

Apresentação no Teatro José de Alencar à Fortaleza.

E também durante a turnê:

4 de outubro de 2024, Universidade Federal do Pernambuco, Recife, PE, Br

- palestra de pesquisa para o PISADA, grupo de Pesquisa Interdisciplinar em Dança e Antropologia,

- workshop « Da improvisação simbólica ao gesto ritual - Uma abordagem situada e transdisciplinar das danças afro-brasileiras » com estudantes do Departamento de Dança.

do 7 até o 25 de outubro de 2024, Bienal de Dança do Ceará /Festival Par em Par - Fortaleza, Ceará, Br

Residência de criação, dispositivo *R-Encontros*. Etapa brasileira de uma nova ponte de dança entre crianças do Brasil e da França. Com crianças do Studio de Dança Aline Rodrigues, bairro Vicente Pizon-Praia do futuro, e o CEDECA-Ceará.



FANNY VIGNALS

Direção artística, coreografia e interpretação

Coreógrafa contemporânea francesa, bailarina e musicista, Fanny Vignals desenvolve um trabalho de criação conectado a uma pesquisa sobre as danças rituais e populares afro-brasileiras. Em um universo estético entre abstração e força narrativa, ela desenvolve uma linguagem coreográfica cruzada, alimentada por uma profunda relação com a música e as culturas que a inspiram. Suas criações questionam a separação entre tradição e contemporaneidade, e brincam com os códigos e os espaços de representação. Procuram oferecer experiências sensíveis em torno da relação com a alteridade, a espiritualidade, a feminilidade, e também com as noções de circulação e de festa.

Após iniciar sua carreira na dança clássica, dois encontros transformaram profundamente seu caminho: o primeiro, em 1998 em Toulouse (FR), com a dança contemporânea, a improvisação e a composição, e um outro, um pouco depois, na Bahia, com as danças oriundas do Candomblé. Entrou no Centro Nacional da Dança Contemporânea em Angers (FR) em 2000 e escolheu completar sua formação no Brasil com Rosangela Silvestre, Augusto Omolú, Vera Passos, Zé Ricardo dos Santos e Dofono d’Omolú entre outros. Ao mesmo tempo continua se alimentando com o trabalho de coreógrafos contemporâneos como Maguy Marin, Susan Buirge, Carolyn Carlson, Wim Vandekeybus ou Nigel Charnock (DV8).

Como bailarina-interprete, assistente ou coreógrafa, colaborou com artistas na Europa, nas Antilhas e na América do Sul: Cie Latruc, Cie Arcane, Cia Aérea de Dança, Cie Difé Kako ou ainda o Collectif Sauf Le Dimanche. Costuma ser também regularmente convidada a coreografar grupos musicais.

Fundando a companhia Ona Tourna em 2009, ela criou o solo *Atravessando...* (2012), o baile-espetáculo *Cruzamentos* (2015), o duo *Ntéfi*, co-criado com a coreógrafa Ana Pi (2015), e a conferência-espetáculo *Itàn Jó* (2016). Nasceram também as performances *AMA-Z* (Amazonas-2015) ou *Ainda dá, gestos para um não-poema* (2018) com 15 bailarines franco-brasileiros. Colocando a transmissão no coração do seu trabalho artístico, ela cria espetáculos para artistas amadores. É assim que ela foi coreógrafa da Academia da Ópera de Paris de 2016 a 2018. Titular do Diplôme d’État de professora de dança contemporânea, dá regularmente aulas e oficinas, inclusive, este ano de 2024, no training do Centre Nacional da Dança (FR).

Em 2018 foi coreógrafa premiada da Fundação Royaumont onde lançou as bases da sua nova criação, o duo *Infinun·e*. Em paralelo, recebeu o apoio do CND para *La Bouche du Monde*, estudo sobre as danças do orixá Exu para a qual colaborou com iniciades e terreiros de Camaçari e Salvador da Bahia, com especialistas em antropologia da dança, análise do movimento e notação em dança. Colabora também com o videasta Maxime Fleuriot qui realiza *D’un Monde, l’Autre*, filme-documentário sobre esta pesquisa.

Elementos do trabalho de Fanny Vignals : Criações : <https://www.cieonatourna.com/creations/>

Pesquisa : <http://www.labouchedumonde.fr/>

A COMPANHIA ONA TOURNA

A companhia Ona Tourna, com sede em Gennevilliers, na região parisiense, foi criada em 2009. Sua atividade está centrada na produção de espetáculos e sua difusão para um público mais largo possível.

A partir da dança como eixo de criação, a companhia explora cruzamentos entre artes e culturas, particularmente na relação entre dança e música. Ela constrói uma forma singular de escrita que reúne a dança chamada de « contemporânea » com culturas oriundas de tradições extra-europeias, particularmente afro-brasileiras.

Numa reflexão sobre os modos de manifestação da dança dependendo das culturas, as peças são apresentadas tanto no palco como em lugares não-teatrais, em diferentes relações com o público e o espaço: espetáculos, bailes, conferências-danças, criações « in situ », ou ainda performances.

Desejando encontrar os públicos e defender o lugar da arte nas escolas, nas grandes cidades como no interior, a companhia Ona Tourna realiza numerosos projetos de transmissão, ações artísticas e sensibilização dos públicos. A criação com artistas amadores é um dos pilares do seu trabalho.

Joëlle Chalopin, présidente,
Marlène Geoffroid, trésorière,
Cani Paramo, secrétaire.

Algumas das imagens previstas para a projeção :



Fanny Vignals, concurso do Besso Ballet de Toulouse FR, 1998



Fanny Vignals, La Rochelle (FR), adaptação in-situ do solo "Raiva", criado em 2000 - foto ©Gérard Arbey



Augusto Omolú (1963-2013) - dançarino, coreógrafo e transmissor das danças oriundas do candomblé



Vera Passos, bailarina, coreógrafa, professora, transmissora das danças oriundas do candomblé.



Susan Buirge, coreógrafa norte-americana, dança contemporânea.



O vodoun Shekuete no Terreiro Gume Sogboadan - Salvador de Bahia
Foto ©Raimundo de Andrade



Fanny Vignals, solo *Atravessando...*, criação 2012, Église St Merry, Paris 2014
Photo ©Yohann Guidel



Fanny Vignals, solo *Atravessando...*, criação 2012, MDC de Gennevilliers (92,Fr) 2013
Foto ©Christophe Couffinhal



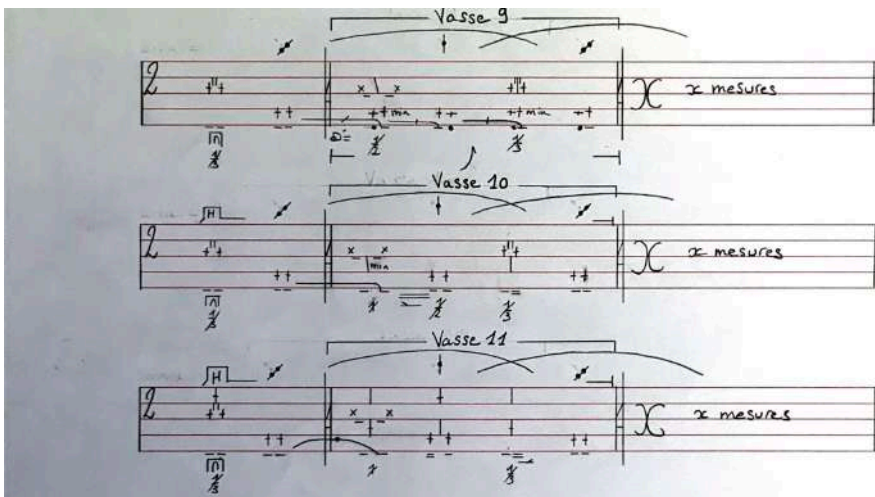
Fanny Vignals e o público (alunos de escola secundária) na palestra dançada participativa *Itán Jò*, Théâtre de Cormeilles-en-Parisis, 94-FR, outubro de 2016 - Foto ©Daniel Maria Nicolaevsky



Ana Pi e Fanny Vignals, duo NTÉFI, co-criação 2015 - Cachoeira, Recôncavo, Bahia, 2015. Imagem ©Maxime Fleuriot



Fanny Vignals e o babalorixá Rychelmy de Exu, Casa do Mensageiro, Camaçari, Salvador de Bahia - Imagem ©Maxime Fleuriot



Exemplo de partitura Benesh da Johanna Classe, notadora e analista do movimento na pesquisa *La Bouche du Monde*, estudo sobre as danças do orixá Exu. ©Johanna Classe



Infinun·e, criação 2021, Musée des Confluences, Lyon 69-FR, janeiro de 2021
Imagem ©studio SLD



Infinun·e, criação 2021, Musée des Confluences, Lyon 69-FR, janeiro de 2021
Imagem ©studio SLD



Porte du barracão do terreiro Ilê Axé Barabo, Camaçari, Salvador de Bahia - Image ©F. Vignals, La Bouche du Monde.

compagnie
ona
tourna

Compagnie Ona Tourna - www.cieonatourna.com

c/o Encarnacion Paramo - 5 place des Villes Jumelées - 92230 Gennevilliers FRANCE

Coreógrafa : Fanny Vignals - +33 609 16 59 44 - fanny.vignals@cieonatourna.com

Administração : Aurélie Arnaud - +33 681 14 08 99 - production@cieonatourna.com

SIRET N°525 408 670 000 20 - Licence n°2-L-R-20-4728